

**Região Metropolitana enfrenta situação de 'seca severa', alerta o Cemaden**

Edimarcio A. Monteiro  
edimarcio.augusto@rac.com.br

As 20 cidades da Região Metropolitana de Campinas (RMC), onde residem 3,17 milhões de pessoas, enfrentam situação de seca severa, de acordo com relatório de impactos divulgado pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), unidade de pesquisa do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). A classificação indica imposição de restrições ou escassez de água, com possibilidade de perdas de cultura ou pastagens. O quadro é resultado do fenômeno El Niño, marcado neste ano por baixo volume de chuvas e temperaturas altas, acima da média histórica.

**Chegada do fenômeno La Niña deve melhorar a situação na região**

De janeiro a julho de 2024, Campinas, por exemplo, registrou chuvas abaixo da média registrada entre 1990 e 2023, revelou levantamento feito pelo Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura (Cepagri), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A situação mais crítica foi em junho, quando terminou o El Niño. Os pontos de monitoramento do órgão não registraram nenhuma chuva no mês passado, contra uma média histórica de 41,3 milímetros (mm) para o mês, o equivalente a 41,3 litros de água por metro quadrado. Já a média de temperatura em junho deste ano foi de 21,1°C, contra 18,2°C da série histórica.

O fenômeno climático é caracterizado pelo aquecimento maior ou igual a 0,5°C das águas do Oceano Pacífico e acontece com frequência, a cada dois a sete anos. A duração média do El Niño é de 12 meses, e o fenômeno gera um impacto direto no aumento da temperatura global. Nos primeiros 24 dias deste mês, foram registrados 41 mm de chuva. A média para o período é de 38,2 mm, aponta o Cepagri. O quadro de seca severa levou o Consórcio das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí (PCJ) a reforçar a recomendação para que as cidades e empresas invistam em ações preventivas e de contingenciamento para a estiagem, que tende a se intensificar em agosto e setembro.

**SITUAÇÃO**

"Os municípios devem continuar implementando medidas para o armazenamento de água bruta e persistir com as iniciativas de conscientização da população para o uso sustentável da água, visando à redução do desperdício", afirmou o secretário-executivo do PCJ, André Luiz Sanchez Navarro. O alerta, inclusive, faz parte de boletim mensal emitido pelo Consórcio. Na RMC, duas cidades já adotaram racionamento de água, Artur Nogueira e Vinhedo.

A primeira cidade adotou a medida na terça-feira (23), mantendo por cinco horas e meia por dia, em três intervalos de tempo, o bombeamento de água para abastecer a população. Das 19h às 6h30 o serviço fica paralisado. A empresa que abastece o município está com 20% de sua capacidade. Segundo o Serviço de Água e Esgoto de Artur Nogueira (Saean), a situação é "ainda mais severa do que a de 2014". A frase faz referência ao ano da pior crise hídrica do Estado de São Paulo, quando diversas cidades da Região Metropolitana adotaram racionamento e multa por desperdício de água. "Cada esforço para reduzir o consumo de água é essencial para superar este momento crítico", divulgou o órgão em nota. Segundo ele, se a situação se agravar a próxima etapa será suspender o fornecimento de água para indústrias e zona rural, priorizando o abastecimento para os moradores e comércio.

Vinhedo adotou rodízio de abastecimento dos bairros da cidade no final de maio, além de estabelecer a multa de R\$ 663,01 para o desperdício, o que inclui lavagem de calça-



Vinhedo adotou rodízio de abastecimento dos bairros da cidade no final de maio, além de estabelecer a multa de R\$ 663,01 para o desperdício; dos seis reservatórios do município, dois estavam ontem operando com, no máximo, 35% da capacidade, entre eles o 1 (foto)

ESTIAGEM

**Relatório aponta que RMC passa por seca severa**

Duas cidades, Artur Nogueira e Vinhedo, adotaram racionamento de água; por outro lado, Sanasa afirma que Campinas não terá problemas de abastecimento em 2024



Devido ao período de estiagem, 60 Painéis Digitais Urbanos instalados em pontos estratégicos de Campinas passaram a emitir avisos sobre baixa umidade relativa do ar (URA)

das, veículos (exceto lava-jatos) e encher piscinas. As medidas foram adotadas quando o reservatório da Chácara do Lago, o segundo maior da cidade, estava esgotado. Para garantir o abastecimento da região central, a Sanasa Saneamento Básico (Sanabás) passou a bombear água de outras represas para essa unidade. Com isso, dos seis reservatórios do município, dois estavam ontem com no máximo 35% da capacidade (1 e 3). Os demais tinham nível entre 63% e 99%, segundo o painel de monitoramento da empresa municipal. O rodízio gerou reclamações. "Com o racionamento, não temos água para tomar banho ou lavar roupa", reclamou a dona de casa Luciene Agostinho. Ela tem recorrido a casa de parentes e amigos nos dias em que o bairro não recebe água, o Residencial Recanto das Canjaranas, fica sem água.

**OUTRAS CIDADES**

A BRK, concessionária dos serviços de saneamento de Suma-

re, divulgou que no primeiro semestre deste ano registrou 366 mm de chuva, volume 55,04% menor em comparação a janeiro a junho de 2023. As represas que abastecem a cidade estão com 82% a 100% da capacidade, sem risco de racionamento, mas a empresa fez um alerta para evitar o desperdício. "Com a manutenção prevista desse quadro (pouca chuva) por mais alguns meses, é necessário adotarmos medidas de consumo responsável da água", disse o gerente de Eficiência Operacional da concessionária, Daniel Makino.

"Existe a tendência da ocorrência mais acentuada de chuvas abaixo das médias esperadas para as regiões das Bacias PCJ", disse o secretário-executivo do Consórcio, André Navarro, em relação ao atual período de pico de estiagem no inverno. De acordo com o Cemaden, todo o Estado de São Paulo atravessa período de seca severa ou extrema. A situação no Sistema Cantareira, principal fonte de água para a RMC, é de "seca hidrológica

de intensidade severa", de acordo com o órgão federal.

O conjunto de cinco represas que fornece água para os rios Atibaia, Jaguari e Camanducaia, que cortam a região, operava ontem com 63,1% da capacidade, nível considerado "bom", divulgou a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), responsável por seu gerenciamento. Em julho de 2014, época da crise hídrica, o nível era de 18,2%. Por outro lado, o acúmulo de chuva mês na bacia formadora do Cantareira neste mês é de 31,2 mm, abaixo da média histórica de 43 mm.

A Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento S.A. (Sanasa), responsável pelo saneamento de Campinas, descartou o risco de racionamento na cidade. Procurada, a empresa afirmou que "Campinas não enfrenta e não enfrentará problemas de abastecimento em 2024". A vazão média neste mês do Rio Atibaia, que abastece 99% da cidade, estava em 13,07 m³ no ponto de

monitoramento de Valinhos, próximo da média histórica de 13,32 mm, de acordo com relatório divulgado ontem, às 7 horas, pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE), órgão do governo estadual.

A Sanasa apontou ainda que desde o final de 2021 investiu quase R\$ 1 bilhão no Plano de Segurança Hídrica para Campinas, um conjunto de obras que concluiu a construção de 20 novos reservatórios, troca de 450 quilômetros de rede para evitar perdas e outros empreendimentos. A empresa anunciou ainda outro investimento de R\$ 750 milhões para passar a captar água no Rio Jaguari e reduzir a dependência do Atibaia, garantindo o abastecimento da cidade pelos próximos 50 anos. Ela deverá retirar 2 mil litros de água por segundo (2 mil l/s ou 2 m³/s) do Jaguari, o suficiente para abastecer 500 mil pessoas. A captação depende da conclusão das obras das novas represas de Pedreira e Amparo, previstas para serem retomadas neste segundo semestre e concluídas em 22 meses.

O atual período de estiagem na RMC deve mudar apenas com a chegada da primavera, em 22 de setembro, mês em que está previsto o início do La Niña, mas não há uma avaliação de seus efeitos no Estado de São Paulo e RMC. "Quando o fenômeno está ativo, o volume de chuvas costuma diminuir no Sul do Brasil, causando estiagem em muitos casos, e aumentar nas regiões Norte e Nordeste do país. No Sudeste e no Centro-Oeste, não há uma correlação tão clara, mas aumentam as chances de ocorrência de períodos frios e chuvosos", explicou a meteorologista Desirée Brandt, de uma empresa de meteorologia. Ao contrário do El Niño, o La Niña causa resfriamento anômalo das águas do Oceano Pacífico.

**BAIXA UMIDADE DO AR**

Devido ao período de seca,

desde quarta-feira, 60 Painéis Digitais Urbanos instalados em pontos estratégicos de Campinas passaram a emitir avisos sobre baixa umidade relativa do ar (URA). A medida integra as ações da Operação Estiagem, que começou em maio e vai até o final de setembro. As informações são enviadas pelo Setor de Monitoramento da Defesa Civil de Campinas. Serão exibidos avisos de URA em estado de atenção, alerta e emergência.

Instalados em fevereiro deste ano, inicialmente para alertar a população em caso de alagamento, os painéis também emitem avisos educacionais de trânsito e os alertas de risco de alagamento quando está chovendo. Os alertas, em tempo real, são inseridos nos painéis para que motoristas e pedestres evitem os locais alagados.

"Ao ver o alerta, uma pessoa pode se atentar, por exemplo, para a necessidade de tomar mais água e de deixar o exercício físico ao ar livre ou o passeio com o animal de estimação para outro momento. Além disso, chama a atenção para ter mais cuidado com as crianças e os idosos", analisou o coordenador regional e diretor da Defesa Civil de Campinas, Sidney Furtado.

A umidade relativa do ar é o quanto de água existe na forma de vapor na atmosfera. O índice é dado em porcentagem, considerando o total máximo de umidade que poderia haver para uma determinada temperatura. No período da estiagem, a URA costuma ser mais baixa e pode trazer diversos impactos na saúde das pessoas. Alergias e problemas respiratórios podem piorar, além de haver irritação nos olhos e no nariz. A pele também fica mais ressecada. Outro grande problema, com a URA em baixa, é o maior risco de incêndios em terrenos e áreas verdes. Com a vegetação e o ar seco, o fogo pode se alastrar mais rapidamente.

Fotos: Rodrigo Zanotto

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

**Seção:** Cidades **Caderno:** A **Página:** 5